



centro de
dramaturgia
contemporânea

TÍTULO

Hoje não há música

AUTOR

Carlos Alberto Machado

ANO

2010

2015 Coimbra

OS TEXTOS DISPONIBILIZADOS PELO CENTRO DE DRAMATURGIA CONTEMPORÂNEA NÃO TÊM FINS COMERCIAIS. QUALQUER UTILIZAÇÃO PARCIAL OU TOTAL DO TEXTO, COM VISTA A UMA APRESENTAÇÃO PÚBLICA, COMERCIAL OU NÃO, DEVE OBRIGATORIAMENTE SER COMUNICADA AO AUTOR OU AO SEU REPRESENTANTE LEGAL. PARA ESTE EFEITO CONTACTE POR FAVOR O CENTRO DE DRAMATURGIA CONTEMPORÂNEA.

EDIÇÃO

Centro de Dramaturgia Contemporânea

www.uc.pt/org/centrodramaturgia

AUTOR

Carlos Alberto Machado

IDENTIDADE VISUAL / CONCEPÇÃO GRÁFICA

António Barros

Pedro Góis



centro de
dramaturgia
contemporânea

TÍTULO

Hoje não há música

AUTOR

Carlos Alberto Machado

ANO

2010

Este texto teve estreia em 2014,
no Teatro Faialense, Horta.
Encenação e interpretação de
Luís Carvalho.

PUBLICAÇÃO

Maputo - Escola Portuguesa de Moçambique
Centro de Ensino da Língua Portuguesa
Colecção Acácia, nº 11, 2010.

2015 Coimbra



Carlos Alberto Machado

1954. Nasceu em Lisboa, a 18 de Novembro. Tem escrito e publicado livros, mais de duas dezenas, repartidos por ensaio, teatro, poesia e ficção. Houve quem dissesse que a escrita de Carlos Alberto Machado «é um labor orquestral onde ele baralha as fronteiras entre a poesia e a prosa, a linguagem de todos os dias e a literária. Ou que tem um piloto automático que lhe desencadeia a escrita num jorro, quando é preciso, mas que o trabalho no teatro lhe ensinou que a grande liberdade e o rigor não são incompatíveis e se complementam. Nele tudo está entrançado: os tempos mais recuados da sua vida, o amor, a morte e a escrita. O vivido em Carlos Alberto Machado é sempre um ponto de passagem para o seu direito de mentir, de construir campos de virtualidade e de possíveis. A tensão de um perpétuo jogo entre o verdadeiro e o virtual. A realidade inclinada. A ventilação da vida, a sua energia transbordante.» Alguns dados de cadastro: Grupo de Teatro de Campolide/ Companhia de Teatro de Almada (1969-1983). Licenciatura em antropologia na Nova de Lisboa (1990) e mestrado em sociologia da comunicação e cultura no ISCTE, em Lisboa (1998). Professor nas licenciaturas de teatro do antigo Conservatório/ESTC (1999-2000) e na Universidade de Évora (2000-2008). Textos seus para teatro foram encenados por Tiago Porteiro (2008), João de Castro (ESMAE/As Boas Raparigas..., 2007), João de Carvalho (Sindicato, 2005) e Evoé (2005), Tiago de Faria (2002 e 2004), Grupo de Teatro Ensaio (2003), João Ricardo (2002), Joana Fartaria (2001), Companhia de Teatro de Almada (2003), João Ricardo (2002) e João Brites (teatro o bando, 2001). Encenou os seus textos *Restos. Interiores* (2002), *Aquitanta* (2003) e *Salada Cômica*, de Karl Valentin (2004). Dirigiu laboratórios de escrita para teatro com o Citac, Quarta Parede, Cepia e Teatro de Giz. É coordenador editorial da Companhia das Ilhas (editora livreira independente). É pai da Inês (nascida em 1993). Vive nas Lajes do Pico (ilha do Pico, Açores) desde 2005. bloguecam.wordpress.com

PERSONAGEM

HOMEM

Inverno. Noite. Um homem em cima de uma mesa de um restaurante piano-bar. Veste um casaco comprido.

HOMEM Ouvem-me bem? Toda a gente está a ouvir-me bem?

Hoje não há música.

Hoje não há espectáculo.

Acabou-se.

A música.

O espectáculo.

O mundo.

Talvez fosse bom que tudo continuasse na mesma.

Mas não é possível.

Agora já não é possível.

Nem é possível começar tudo de novo.

Para tudo na vida... para tudo o que acontece a cada um de nós na vida, há uma linha que separa o que não se deve fazer daquilo que deve ser feito. Umas vezes sabemos se é certo continuar no lado em que estamos, ou passar a linha para o outro lado. De outras vezes não sabemos, ou hesitamos muito e acabamos por escolher ficar onde estamos. Pode ser que seja o lado certo. Pode ser que não.

De uma coisa havemos de ter a certeza: mais cedo ou mais tarde saberemos qual o lado certo. E o errado.

Ou talvez não.

Talvez às vezes não seja possível saber.

Como hoje.

Despe o casaco. À volta da cintura tem um cinto de explosivos. Agarra um detonador.

Silêncio.

É preciso que me ouçam.

Silêncio.

Isto é um detonador de contacto, percebem? Se eu morrer, ou se apenas desmaiar, ou se me assustar, ou se sentir nem que seja uma simples picada, abro a mão, mesmo só um bocadinho, e é o fim. De todos.

Isso é uma certeza.

Preciso de vos falar. Não sei exactamente o quê.

Pensei em deixar uma carta num jornal qualquer. Mas não sabia, não sei.

Não sei.

Ouçam-me, por favor.

O meu nome é Luís Machede.

Sou crente no Islão.

O meu pai era português e a minha mãe argelina. Casaram em Portugal e depois foram ainda muito novos para a Índia portuguesa, logo a seguir para Moçambique, onde nasci. Foi lá que se converteram ao Islão. Porquê? Não sei.

Eu tinha dez anos quando morreram. Foi pouco antes da independência de Moçambique. A tropa portuguesa foi a uma aldeola à procura de soldados pretos e matou muitas pessoas, entre as quais a minha mãe e o meu pai. Alguns pretos conseguiram fugir e levaram-me com eles.

Toda a minha vida tenho sido meio argelino, meio moçambicano. Uma vez o meu pai disse-me que eu seria sempre um português sem pátria. E crente no Islão. Nunca me esqueci disso.

Cá em Portugal não há muitos como eu.

Alguns escondem-se.

Poucos gostam de nós.

Depois do Bin Laden ainda é pior.

Não acredito que tenham sido os meus irmãos a fazer aquilo.

Não acredito.

É fácil semear o ódio e a violência. Esta bomba, por exemplo. Quando me decidi, foi fácil arranjá-la. E os tipos que ma venderam nem eram da minha religião.

Vocês não gostam de nós.

Matam os meus irmãos por todo o lado.

Culpados e inocentes.

Porquê?

Não gosto desse Bin Laden. Primeiro, era amigo dos americanos, depois, já não era.

Não percebo.

Não sei.

Acho que a nossa religião lá em Moçambique era um bocado diferente. Os pretos não falavam muito da religião mas faziam o que ela mandava. E sempre me trataram bem. Foram eles que me disseram para vir para Portugal, quando tinha treze anos, estava muito difícil viver lá. Também havia muitas outras religiões, acho. Mais tarde soube que a nossa não era a que tinha mais gente. E os brancos lá também eram diferentes.

Aqui, às vezes, os meus irmãos dizem-me que não sou como eles.

Talvez não seja.

Mas venero Alá e cumprio tudo o que me ensinaram do Livro Sagrado.

Nunca casei.

Não tenho família.

Decidi dar um exemplo.

Por... não sei bem...

Acho que posso dar um exemplo...

Mato inocentes, eu sei.

Também eu sou inocente.

E vítima.

Mataram os meus pais.

Sei que os soldados que os mataram não sabiam por que o faziam. Também eles tinham medo.

Ou talvez fossem culpados por serem inocentes.

Sou um exemplo porque mato sem querer culpar ninguém. Ninguém em especial.

Talvez isso faça sentido.

Tenho muitas dúvidas.

Os da minha religião também não se entendem bem entre eles. Uns dizem-me uma coisa, outros dizem-me o contrário.

Mata. Perdoa.

Perdoa. Mata.

Talvez o mundo inteiro esteja errado e não saiba porquê. Ninguém saiba porquê.

E se eu não fosse do Islão?

Se fosse cristão ou hindu?

Fascista ou comunista?

Amarelo ou vermelho?

Ou outra coisa qualquer?

E se não existissem culpados?

Nem inocentes?

E se todos vocês fossem culpados?

Tenho medo!

Pensei que fosse fácil.

Chegava aqui, contava-vos uma pequena história e pronto. Ou nem diria nada.

Mão apertada no detonador. Umas palavras sagradas. Mão a largar o detonador.

Acabávamos todos. Acabava tudo. Seríamos todos mártires.

De quê?

Não sei.

Sei poucas histórias.

Quando era muito pequeno, uma velha preta contava-me histórias como se fossem música, mas eram lá na sua língua de preta, não sei o que diziam. Mas lembro-me que adormecia a escutá-las. Uma espécie de música, sim.

Eu era a única criança da aldeia que não era preta. Chamavam-me simplesmente

«o branco». Ou outra palavra qualquer que lá na língua deles quisesse dizer o mesmo.

Aprendi a trepar às árvores, a apanhar peixes com as mãos nos rios cheios de lama.

Aprendi a fazer os brinquedos das minhas brincadeiras. Adormecia sobre os cor-

pos das velhas e depois a minha mãe ia buscar-me e levava-me adormecido ao seu colo para a nossa casa.

Acho que me lembro de tudo o que vivi nessa aldeia dos pretos. Só não me lembro do dia em que mataram os meus pais.

Desde esse dia e até vir para Portugal passei todo o tempo a fugir de aldeia em aldeia.

Quando não estava a fugir, trabalhava com os pretos para ter comida. Depois vinham

os da Frelimo ou os portugueses. Fugia e trabalhava sem saber muito bem porquê, para quê.

Depois de aqui chegar trabalhei muito nas fábricas. Até aos dezoito anos. Depois andei por Espanha e França. A fugir da polícia e a trabalhar como um escravo. Foi tudo o que aprendi a fazer bem: fugir e trabalhar.

O trabalho não me mete medo. Mas não quero fugir mais. Não quero mais ser escorçado por ninguém de outra cor ou religião.

Vocês não querem saber para nada das histórias da minha vida, eu sei. Devem ser pessoas instruídas e lêem livros e jornais onde contam histórias de desgraçados como eu, não é? Sou apenas mais um reles muçulmano que vocês gostariam que não existisse ou que estivesse a apodrecer numa prisão qualquer dos que mandam no mundo.

Acho que é isso.

Sou um desgraçado, eu sei.

Aqui sou de uma religião odiada.

É como se não tivesse pátria, como dizia o meu pai. Falo a vossa língua mas não sou da vossa família.

Família.

Li num livro de um miúdo que há muitos anos aqui e em Espanha matavam judeus nas fogueiras. Disse isto a um irmão e ele contou-me que também matavam mulheres feiticeiras e outras pessoas com costumes estranhos e mesmo pessoas normais que eram denunciadas aos padres carrascos por outras pessoas só porque queriam vingar-se de qualquer coisa pessoal.

Não sei se isto foi mesmo assim. Diz-se tanta mentira no mundo...

Agora há silêncio.

Dizem que nas terras onde vivem muitos irmãos meus é tudo muito ruidoso. Eu gosto do silêncio. Lembro-me muitas vezes do silêncio de África. Às vezes lembro-me muito bem disto: quando estava à noite sem dormir, às vezes ouvia-se um grito muito alto de uma ave qualquer e demorava muito tempo a desaparecer, e quando estava quase no fim eu pensava que ouvia o silêncio.

Coisas de miúdo.

Todas estas histórias vão morrer.

Se o mundo todo de repente ficasse sem histórias era como se morrêssemos todos. Se morrêssemos todos assim sem dor talvez depois Alá voltasse a pôr no mundo apenas pessoas sem ódio.

Não sei porque há tantas pessoas cheias de ódio. Mas há. Como aqueles padres carrascos e as pessoas que denunciavam outras: tudo por esse ódio. Só pode ser por isso.

Agora acho que não odeio ninguém. Não vos mato por ódio, é porque... eu também não me odeio e... Deus não ensina o ódio...

Quando mataram os meus pais não senti ódio, quero dizer, não foi bem quando os mataram, não vi... mas mais tarde, quando percebi, não foi bem ódio o que senti, talvez... antes, também não sabia o que era ódio, talvez por ser muito pequeno, talvez por ninguém mo ter ensinado, não sei.

Às vezes vejo na televisão umas crianças com armas nas mãos a gritar «morte aos americanos» e parece ódio, mas eu acho que não é. Deve ser fome, ou outra coisa qualquer. Crianças daquela idade não podem ter ódio, ou então, se calhar, ainda é pior, já nascem com ódio. Espero que não seja por isso.

Na América, parece que há uns miúdos que pegam numa arma e matam pais e avós e professores e colegas da escola, mas nesse país deve ser mais dos filmes deles onde mostram como essas coisas se fazem. Ou então, nascem já com ódio. Talvez seja coisa antiga, tanto ódio em tanta gente.

Uma vez vi um homem matar outro. Foi em França, quando andava com outros emigrantes na construção de estradas. O que morreu era de Marrocos, e o que o matou era brasileiro. Nem sei como se chamavam. Primeiro começaram aos gritos um com o outro, não sei porquê. De repente, o brasileiro espetou no estômago do marroquino um martelo pneumático a funcionar. O brasileiro estacou, os olhos parados. De repente, recomeçou a trabalhar como se não tivesse acontecido nada. Na altura pensei uma coisa estúpida, pensei que o ódio era do que tinha morrido, como se fosse ele próprio a matar-se e por isso o que matou agiu depois como se não fosse nada com ele. Coisas estúpidas que a gente pensa quando vê a morte mesmo à nossa frente.

Talvez aconteça isso...

Tenho esta mão a doer.

Já vos disse do exemplo?

Já, já disse.

Não sei bem o que disse.

Passam-me muitas coisas na cabeça, muito rapidamente.

Gostava de saber quem é cada um de vocês. Um a um. Família, emprego, essas coisas. E o que pensam verdadeiramente da minha religião. E do ódio no mundo e da guerra. E da morte e do que vem depois dela. Um a um, mas sem os outros ouvirem, como fazem nas confissões com os vossos padres.

Mas não é possível. É pena.

Uma vez fui a um desses padres que vocês têm e procurei confessar-me como vocês fazem. Ajoelhei-me em frente à casinha dele e fiquei em silêncio, nem sabia como começar. Comecei a ouvir um barulho esquisito e então dei conta que o padre estava a ressonar. Bati na madeira e de lá de dentro ouvi a voz dele «Continua, meu filho.» Na verdade, o que eu mais queria era descansar na igreja, ia a passar por ali e como estava muito cansado entrei, todos os locais de oração, mesmo os vossos, são bons para repousar e estar em paz com Deus. Deve ser por sentir e dizer coisas destas que os meus irmãos me dizem que sou esquisito. Comecei a falar ao padre, a contar-lhe a história da minha vida, desde pequeno, por onde tinha passado, as pessoas diferentes que conheci, coisas que tinha visto, algumas delas muito más, os lugares do mundo onde estive e sofri, mas, estava eu assim nesta espécie de alívio quando ouvi de novo o homem a ressonar. O que eu estava a contar-lhe não devia ser nada de condenável, acho, de outra maneira não se punha a dormir. Sei lá. Não percebo muito bem a vossa religião. Só vão aos vossos padres quando estão muito aflitos, não é?

Se deixar que um de vocês saia daqui, o que irá fazer?

Chamar a polícia ou refugiar-se em casa sem dizer nada a ninguém?

Não posso arriscar.

Quanto tempo passou?

Uma eternidade?

Antes de subir para esta mesa estive sentado no bar. Quando cheguei, vinha com suores frios e com as pernas a tremer. Sentei-me a beber um sumo, à espera que o suor e o tremor me passassem. Não tenho relógio, acho que foi mais de uma hora. Outra eternidade. Primeiro, parecia que não conseguia pensar em nada, para dizer a verdade só pensava que alguém pudesse sentir o meu suor muçulmano e percebesse as minhas intenções. Tinha medo de pegar no copo porque as mãos também me tremiam. Depois, consegui acalmar, nem sei como. Alá deve ter ouvido as minhas preces silenciosas. Comecei a pensar outra vez no que ia dizer-vos, nas minhas razões. De repente, pensei que tudo ia correr mal quando me pareceu reconhecer um sujeito que tinha acabado de sentar-se na outra ponta do balcão. Voltei a ficar com suores frios e parecia que as pernas de tanto tremerem me iam fugir do corpo. Queria ter um buraco para fugir. Olhei e olhei o homem. De umas vezes parecia que o reconhecia mesmo, de outras não. Não sabia o que fazer. Depois comecei a pensar que todos me olhavam. Estive quase a correr pela porta fora. Roguei a Alá de todo o meu coração. E uma vez mais fui atendido, o corpo acalmou. Mas continuei sem certezas e sem saber o que fazer. O homem continuava ali e eu com medo que me reconhecesse. Arranjei coragem não sei onde e decidi ir à casa de banho para passar perto dele e vê-lo melhor. O homem não era o que eu conhecia. E de repente senti explodir dentro de mim todo o ódio que já tinha sentido pelo homem que afinal não era aquele e que no fundo eu desejava que fosse o mesmo para aqui morrer comigo.

Querem saber porquê?

Porque esse homem, que afinal não estava ali, fez-me sentir um ódio profundo pela primeira vez na minha vida. Talvez por ele, por esse ódio, afinal, vocês passem todos a ser culpados e sofram a morte que em primeiro lugar devia ser a dele.

Agora posso explicar-vos porquê.

Foi mais ou menos há quatro meses. Eu estava ao fim da tarde na zona das esplanadas junto ao Tejo a vender óculos de sol num pequeno pano no chão. Esse homem, jovem, parou junto ao pano. Pegou nuns óculos e perguntou o preço. E agora vou dizer-vos exactamente como tudo depois se passou, mil anos mais eu vivesse e nunca o esqueceria. Disse-lhe: «Sete euros e meio, senhor.» E ele: «É muito caro.» «O dinheiro é para eu comer, senhor, não posso vender mais barato», respondi. Os olhos do homem escureceram e perguntou: «Qual é a tua religião?» «Sou muçulmano, senhor.» Depois, o homem pôs os pés em cima do pano e começou, muito devagar, a esmagar todos os meus óculos. Quando acabou, disse muito alto: «Filho da puta de terrorista!» Não sei o que me passou pela cabeça, porque lhe disse: «Sou terrorista, sim, meu senhor.» E de repente apareceram dois polícias, até parecia que estavam ali a ver e a ouvir tudo. Passei dois meses numa cela. Dois meses de insultos e porrada. Quando tiveram a certeza que eu era mesmo português e não tinha nem amigos nem conhecidos terroristas, deixaram-me sair. E eu já sabia que dentro de pouco tempo ia estar, como agora estou, com o corpo cheio de explosivos e pronto a matar e a morrer.

Um amigo meu disse-me: «Procura o homem e mata-o.» E eu respondi-lhe: «Os homens são todos iguais, primeiro sorriem-te, depois ofendem-te, e de olhos bem abertos disparam a arma que te mata. Ou mandam alguém fazê-lo.»

Às vezes não sei porque estão na minha cabeça certos pensamentos, não sei quem põe na minha boca palavras que não quero dizer.

Às vezes as palavras dentro de nós fazem-nos uma espécie de cerco e empurram-nos para fazer o que não queremos fazer.

Ou que não temos coragem de fazer.

Às vezes as palavras matam por nós.

Poderosas, as malditas.

Nós gostamos muito de cantar e de recitar as palavras Sagradas, as verdadeiras, aquelas que o nosso Profeta nos deixou. De cada vez que as dizemos, no calor do dia ou no frio da noite, cresce em nós a luz, percebem?

Acreditar. Ter a certeza de pormos os pés nus no caminho certo, em direcção ao fim. Acho que não percebem...

Nós não adormecemos quando cantamos a nossa Fé. Não cantamos a Fé para no minuto a seguir irmos enganar os nossos irmãos, roubar-lhes as mulheres, violar-lhes os filhos.

Acho que não percebem...

A luz. Será que a verei do tamanho do mundo?

Gosto muito de histórias mas vocês não são bons ouvintes. Sinto o cheiro do medo misturado ao cheiro do ódio.

Talvez vocês também gostem de histórias, mas agora não.

Gostava muito de ter aprendido as histórias e cantilenas das velhas pretas lá em Moçambique. As da minha mãe também não as sei. Ou esqueci-as. Se não fosse o Livro Sagrado teria crescido até homem sem saber histórias. Deve ser triste crescer sem histórias.

O que estamos agora a viver aqui também podia ser uma história. Como no vosso teatro, que a nós nos custa muito compreender. Na outra Europa, ouvi muitos homens de outras terras a contarem histórias em línguas que eu não compreendia. Uns companheiros meus diziam que aquilo também era teatro. Não sei. Pensei que o vosso teatro era só de coisas a fingir e aquele parecia-me muito verdadeiro. Não importa.

Dói-me a mão... Tanto...

Quem sabe se os músculos vão ficar tão duros que não vou conseguir abrir a mão? Não pensem que me esqueci.

A luz.

Uma vez enamorei-me por uma jovem argelina, da Cabília, que estava como eu emigrada em França. Deu-me na cabeça pensar que era parecida com a minha mãe... Estava tão convencido... Pedi a outro emigrante, argelino, que falava espanhol, se conhecia alguma canção de amor na língua dela e se me ensinava. E ele ensinou-me uma canção muito antiga, ele jurava que era. Levei quase um mês a aprendê-la. Quando a quis cantar à rapariga – chamava-se Djamilá – já não foi possível, era ilegal e tinha sido enviada à força para a sua terra.

Canta:

São as laranjas brasas que mostram sobre os ramos
as suas cores vivas
ou rostos que assomam
entre as verdes cortinas dos palanquins?

São os ramos que se balouçam ou formas delicadas
por cujo amor sofro o que sofro?

Vejo a laranjeira que nos mostra os seus frutos:
parecem lágrimas coloridas de vermelho
pelos tormentos do amor.

Estão congeladas mas se fundissem seriam vinho.
Mãos mágicas moldaram a terra para as formar.

São como bolas de cornalina em ramos de topázio
e nas mãos do zéfiro há martelos para as golpear.

Umaz vezes beijamos os frutos
outras cheiramos o seu olor
a assim são alternadamente
rosto de donzelas ou pomos de perfume!¹

Gostava que alguém fizesse uma música bonita só para mim.
Agora sei que nunca terei uma música bonita só para mim. E ninguém me cantará.

Há quanto tempo estamos aqui?
Será que por aquela porta já alguém conseguiu fugir?
Será que daqui a um segundo vai entrar um comando especial anti-terrorismo?
Será que quem conseguiu fugir está agora a partilhar o seu pânico com Deus?
Ou será que para lá daquela porta afinal nada existe?
Será que estamos mesmo sozinhos?
De repente somos nós o mundo todo? Sem o podermos salvar? Salvar-nos?
E se ficássemos aqui toda a noite? Ou os dias que fossem necessários até o medo
nos matar a todos, sem ser preciso fazer explodir esta bomba? Ou até um de vocês
vir violentamente contra mim? Por desespero, ou, afinal, por ter percebido tudo.
Por afinal ter percebido o que nenhum de nós pode saber neste momento.

¹ Abú Mohâmede Abdalá ibne Sara Assantarini (o Santareno). Morreu em 1123. *Poema inserto em Portugal na Espanha Árabe*, vol IV, de António Borges Coelho (organização, prólogo e notas), Lisboa, Seara Nova, 1975: 352-3.

—
Querem experimentar?
Não se pode fazer esta pergunta, eu sei

Mesmo só com esta pouca luz consigo ver muitos dos vossos olhos.
Deve ser mesmo assim antes de morrer.
Será que os meus olhos estão como os vossos?
Será que a morte apaga a diferença entre quem mata e quem é morto?
Deus?

Já fiz as minhas orações.
Rezem. Se acreditam em Deus, rezem.
O meu nome é Luís Machede.
É só isso que importa.
Que o meu nome diga só isso.

Mesmo só com esta pouca luz consigo ver muitos dos vossos olhos.
Deve ser mesmo assim antes de morrer.
Será que os meus olhos estão como os vossos?
Será que a morte apaga a diferença entre quem mata e quem é morto?
Deus?

Já fiz as minhas orações.
Rezem. Se acreditam em Deus, rezem.
O meu nome é Luís Machede.
É só isso que importa.
Que o meu nome diga só isso.



centro de
dramaturgia
contemporânea